

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO

Maj Inf RAFAEL LEITE VARELA

**A cooperação militar na atualidade como instrumento
para fortalecimento das relações Brasil-Argentina**



Rio de Janeiro
2021

Maj Inf RAFAEL LEITE VARELA

A cooperação militar na atualidade como instrumento para o fortalecimento das relações Brasil-Argentina

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa.

Orientador: Ten Cel Inf Wildson Pereira Santos

Rio de Janeiro
2021

V293c Varela, Rafael Leite.

A cooperação militar na atualidade como instrumento para fortalecimento das relações Brasil-Argentina. / Rafael Leite Varela. — 2021.

39 f.: il.; 30 cm.

Orientação: Wildson Pereira Santos.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares)—Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2021.

Bibliografia: f. 37-39

1. BRASIL. 2. ARGENTINA. 3.COOPERAÇÃO. 4. MILITAR. I. Título.

CDD 355.03

Maj Inf RAFAEL LEITE VARELA

A cooperação militar na atualidade como instrumento para fortalecimento das relações Brasil-Argentina

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército,
como requisito parcial para a obtenção do título
de Especialista em Ciências Militares, com
ênfase em Defesa.

Aprovado em ___ de _____ de 2021.

COMISSÃO AVALIADORA

WILDSON PEREIRA SANTOS – Ten Cel Inf - Presidente
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

CLEBER MODESTO DE CASTRO – Maj Inf - Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

ENDRIGO BUSCARONS DA SILVA – Maj Cav - Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

À minha esposa, meus filhos, pai (*in memoriam*), mãe e familiares; fontes de inspiração e exemplo, sem vocês pouco ou nada é possível.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ser a luz que está sempre presente nos momentos mais difíceis e ser a referência e o porto seguro para que prossigamos em nossa caminhada.

À minha esposa Milena e meus filhos, Benjamin e Antonio, por serem aqueles pelos quais levanto todos os dias e emprego energias e atitudes; pela felicidade e alegria de nossa convivência, pelo carinho, compreensão e incentivo de sempre.

Aos meus pais Antônio (In Memoriam) e Astrogilda, minha eterna gratidão, pelos exemplos de dedicação e carinho pela família, pelo amor com que me conceberam e me criaram, pela educação firme e sólida e por seu incentivo constante pelo meu sucesso.

Aos meus irmãos, Carlos Eduardo e Giovana, pela nossa fraterna e sólida amizade e companheirismo, por suas palavras de apoio e direcionamento nos momentos de necessidade e por sua presença efetiva e necessária no cotidiano e na preocupação com a formação de seus sobrinhos.

Ao meu orientador, TC Wildson, pela confiança, camaradagem e orientação precisa que dispensou em todos os momentos que foram necessários para a construção e melhoramento deste trabalho, muito obrigado!

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figura 1 – Projeto do Gasoduto GASUP.....	18
Tabela 2 – Corrente de comércio brasileira 2021.....	22
Figura 2 – Análise Pós-Ação da Operação Guarani 2014.....	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIEA	Aliança Estratégica em Indústria Aeronáutica
ALCA	Área de Livre Comércio das Américas
AMAN	Academia Militar das Agulhas Negras
ARA	Armada Argentina
Bda C Mec	Brigada de Cavalaria Mecanizada
CBEM	Conferência Bilateral de Estado-Maior
CDS	Conselho de Defesa Sul-Americano
CA-Sul	Centro de Adestramento Sul
END	Estratégia Nacional de Defesa
EsAO	Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais
FOCEM	Fundo para a Convergência Estrutural do MERCOSUL
FAdeA	Fábrica Argentina de Aviões
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
MRE	Ministério das Relações Exteriores
NAE	Núcleo de Assuntos Estratégicos
OMC	Organização Mundial do Comércio
PND	Política Nacional de Defesa
RRIM	Reunião Regional de Integração Militar
SARP	Sistema de Aeronaves Remotamente Pilotadas
SIMACEM	Simulador de Adestramento de Comando e Estado-Maior

RESUMO

O objetivo do trabalho é pesquisar como o processo de cooperação na área militar e de defesa entre Argentina e Brasil, no século XXI, atua como elemento facilitador no relacionamento entre os países. O escopo de análise centrou-se, inicialmente, em procurar elucidar a visão brasileira sobre o vizinho platino, no que tange à política externa. Em seguida, buscou-se demonstrar a importância que a parceria com a Argentina tem para o Brasil, para, a partir daí, estabelecer como as relações Brasil-Argentina contribuem para o desenvolvimento dos demais países sul-americanos. Após esses postulados, o trabalho voltou-se para o fenômeno na cooperação militar, buscando levantar fatos contemporâneos dessa cooperação e estabelecer sua contribuição para a aproximação dos países. Segundo Moraes (2010), dentre outros, a cooperação militar Brasil-Argentina ocorre de uma maneira mais contínua desde o final da década de 1970, quando da realização de um exercício militar denominado Operação Fraternal, com a participação da Marinha do Brasil e da Armada Argentina (ARA). Nos anos seguintes, a cooperação militar bilateral ampliou-se nos aspectos quantitativos e qualitativos, em um processo de aumento do número de atividades desenvolvidas. Por último, como conclusão, foram elencadas as contribuições efetivas das atividades militares em proveito de uma relação mais harmônica entre os dois principais protagonistas do subcontinente sul-americano, bem como, as oportunidades de melhoria com vistas a realização de novos estudos e projetos que venham a ser desenvolvidas pelas Forças Armadas brasileiras e, em particular, pelo Exército Brasileiro de forma a fomentar o estreitamento de laços com essa nação amiga.

Palavras-chave: Brasil; Argentina; Cooperação; Militar.

RESUMEN

El objetivo del trabajo es investigar cómo el proceso de cooperación en el área militar y de defensa entre Argentina y Brasil y su interacción como elemento facilitador en la relación entre los países en el siglo XXI. Inicialmente, el trabajo busca analizar la visión brasileña sobre Argentina, en materia de política exterior. Seguidamente, se demuestra la importancia que tiene para Brasil una alianza estratégica con Argentina, para que, a partir de ahí, se establezca cómo las relaciones Brasil-Argentina contribuyen para el desarrollo de otros países de América del Sur. Luego de estos postulados, el trabajo profundiza el fenómeno de la cooperación militar, buscando plantear hechos contemporáneos de esta cooperación y establecer su contribución al acercamiento de los países. Según Moraes (2010), entre otros, la cooperación militar Brasil-Argentina se revitalizó a fines de la década de 1970, cuando se llevó a cabo un ejercicio militar denominado Operación Fraternal, con la participación de la Armada de Brasil y la Armada de la República Argentina (ARA). En los años siguientes, la cooperación militar bilateral se expandió en aspectos cuantitativos y cualitativos, en un proceso de aumento del número de actividades realizadas. Finalmente, y como conclusión, se enumeran los aportes efectivos de las actividades militares en favor de una relación más armónica entre los dos principales protagonistas del subcontinente sudamericano, así como las oportunidades de mejora para la realización de nuevos estudios y proyectos de interés para las Fuerzas Armadas brasileñas y, en particular, para el Ejército brasileño con el fin de estrechar aún más los lazos con esta nación amiga.

Palabras-clave: Brasil, Argentina, Cooperación, Militar.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	METODOLOGIA	15
3	A POLÍTICA EXTERNA DO BRASIL PARA A ARGENTINA	16
3.1	CONCLUSÕES PARCIAIS	19
4	A RELAÇÃO BRASIL-ARGENTINA	21
4.1	A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO PARA OS DOIS ATORES	21
4.2	IMPORTÂNCIA PARA O SUBCONTINENTE SULAMERICANO	23
4.3	CONCLUSÕES PARCIAIS.....	24
5	A COMPONENTE MILITAR NO RELACIONAMENTO ARGENTO- BRASILEIRO NO SÉCULO XXI	26
5.1	OPERAÇÕES COMBINADAS	27
5.1.1	Operação Fraterno	27
5.1.2	Operação Hermandad	28
5.1.3	Operação Guarani	26
5.1.4	Operação Yaguaretê	30
5.1.5	Operação Saci/Duende	31
5.1.6	Operação Arandu	31
5.2	INTERCÂMBIOS E AÇÕES DA DIPLOMACIA MILITAR	32
5.3	CONCLUSÕES PARCIAIS.....	33
6	CONCLUSÃO	35
	REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca identificar a contribuição da componente militar como facilitadora do relacionamento diplomático entre Brasil e Argentina. Como elemento estruturante, as Relações Internacionais do Brasil são regidas pelos princípios elencados no artigo 4º da Constituição Federal de 1988, onde, entre eles figuram a defesa da paz, a não-intervenção e a cooperação entre os povos para o progresso da humanidade. O parágrafo único desse artigo expressa que o Brasil buscará a integração econômica, política, social e cultural com os povos da América Latina, visando à formação de uma comunidade latino-americana de nações. Assim sendo, segundo Weber (2015, p. 40), a América do Sul é elemento central da política externa brasileira, onde, o MERCOSUL ganha relevância, dentro do qual a Argentina emerge como país chave. Por isso, essa relação bilateral deve ser o “objetivo mais certo, mais constante, mais vigoroso das estratégias políticas e econômicas, tanto do Brasil quanto da Argentina” (GUIMARÃES, 2008, p. 169).

Nesse contexto, a Argentina destaca-se como um dos principais parceiros políticos e econômicos do Brasil. Os dois países compartilham uma linha de fronteira que se estende por 1.261 quilômetros, cuja dimensão e gestão compartilhada são essenciais na agenda de cooperação bilateral (BRASIL, Ministério Das Relações Exteriores, 2021). As relações entre os países são estratégicas para a inserção do Brasil na região e no mundo. A construção de uma relação política de confiança e cooperação com a Argentina contribui para a constituição de um espaço regional de paz e de cooperação. Somadas, as capacidades de Brasil e Argentina representam cerca de dois terços do território, da população e do PIB da América do Sul. A Argentina é o terceiro sócio comercial mais importante para o Brasil, atrás apenas de China e Estados Unidos, enquanto o Brasil é o principal parceiro comercial argentino.

Com isso, o grau de relacionamento entre os países ganha importância no contexto regional. As aproximações entre os países, ao longo do final do século XIX e do século XX, passaram por aspectos de cooperação, rivalidade e busca por integração, refletindo um movimento pendular condicionado pelo ambiente político conjuntural (CANDEAS, 2005). Com o fim do período de governos militares de ambos, na década de 1980, o sentido de aproximação tornou-se mais evidente, culminando com a liderança para

criação do MERCOSUL¹, em 1991, um avanço na oficialização da integração argentino-brasileira.

Com a redemocratização do Brasil, em 1985, registram-se avanços históricos na relação com a Argentina, lançando os fundamentos de uma “cultura de amizade e integração” e elevando ainda mais o patamar da relação bilateral, mais uma vez de forma irreversível. Os presidentes José Sarney e Raúl Alfonsín realizam encontro em Foz do Iguaçu, inauguram a ponte Tancredo Neves e assinam documentos fundacionais da nova etapa de construção da estabilidade estrutural: a Declaração de Iguaçu e a Declaração Conjunta sobre Política Nuclear, que sublinha a vocação pacífica dos projetos nucleares. (CANDEAS, 2005, p. 26)

No plano político, um dos vetores da política externa nacional é a atuação político-estratégica-operacional de suas Forças Armadas, por serem instrumentos valiosos de aproximação político-diplomática e de projeção de influência. Segundo Moraes (2010, p. 29), a cooperação em defesa ou cooperação militar congrega as atividades de auxílio mútuo entre os Estados, no campo bélico, que podem ser instrumentos tanto de aumento do poder militar dos atores, como também para sua diplomacia. Com isso, o estreito relacionamento com a Argentina constitui pilar importante do esforço de construção de um espaço de paz e cooperação no entorno brasileiro.

Nesse contexto, a presente pesquisa norteou-se pelo seguinte problema: considerando que os dois principais atores regionais sejam os propulsores de uma estratégia conjunta multidimensional, onde um de seus eixos seja o de defesa da soberania e das riquezas das nações sul-americanas, como a componente militar pode favorecer o estabelecimento de consolidação e robustecimento do relacionamento Brasil-Argentina?

Para tanto, o trabalho busca apresentar os eventos da cooperação militar existente entre Brasil e Argentina, a partir da segunda década do século XXI, com vistas ao estabelecimento de uma efetiva aproximação entre os países. Para auxiliar a consecução do objetivo geral supracitado, o trabalho pretende apresentar a visão da política externa brasileira para a Argentina, apresentar a importância da relação Brasil-Argentina para os países e entorno regional e apresentar a os fatos que evidenciam a cooperação militar e que colaboram com o estreitamento da relação entre os países.

O Brasil, ocupa uma tradicional posição de liderança política, econômica e militar no subcontinente sul-americano, e tem na aproximação com vizinhos de seu entorno

¹ O Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) é um processo de integração regional conformado inicialmente pela Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai ao qual recentemente incorporaram-se a Venezuela e a Bolívia, esta última em processo de adesão.

estratégico uma ferramenta de afirmação dessa posição. Para viabilizar essa afirmação, a PND aborda conceitos importantes, tais como: a convergência de interesses, no âmbito regional, e sua contribuição para o incremento da cooperação entre os países sul-americanos, funcionando como promotora da consolidação da confiança mútua e viabilizando o desenvolvimento de projetos de defesa, visando, entre outros, ao desenvolvimento tecnológico e industrial, além de estratégias para a solução de problemas comuns. Sem prejuízo da dissuasão, dar privilégio à cooperação no âmbito internacional e priorizar a integração com os países sul-americanos, com o objetivo de encontrar soluções integradas para questões de interesses comuns ou afins (BRASIL, 2020).

No bojo dos conceitos da PND, a Estratégia Nacional de Defesa (END) elenca ações estratégicas que buscam intensificar as parcerias, a cooperação e o intercâmbio militar com Forças Armadas de países da América do Sul, incrementar o relacionamento com o setor de Defesa de outros países, assim como desenvolver uma identidade sul-americana de defesa. Isto posto, a Argentina, por sua relevância no contexto do subcontinente, vizinhança com o Brasil e o tradicional relacionamento existente entre as nações, figura como um dos principais polos com capacidade para viabilizar a consecução do projetado na PND

Este estudo possui justificativas acadêmicas, sociais e com abrangência em relação ao Exército Brasileiro. Do ponto de vista acadêmico, o estudo da atuação da componente militar como ferramenta de aproximação diplomática é relativamente consagrado, como se explicará ao longo do trabalho, entretanto o acompanhamento sistemático do comportamento dessa componente permite identificar sua efetividade e contribui com o apontamento de possíveis caminhos para melhorar sua performance. Dessa forma, investigar as relações do Brasil com Argentina, à luz desse conceito, pode contribuir para o debate de novas formas de integração regional e compreensão das relações bilaterais. A cooperação na área de Defesa, por sua vez, é uma das formas de relacionamento entre países um tanto quanto minorada, no que tange ao número e alcance dos estudos, na área de estudos da América do Sul, em comparação com a cooperação focada em comércio, educação e infraestrutura, por exemplo. A escolha da Argentina decorre do peso político e econômico que o país possui na América do Sul e da possibilidade de, em conjunto com o Brasil, constituírem um bloco de atração e de impulso de desenvolvimento para toda a região. No aspecto social, esta pesquisa é motivada pela compreensão da integração entre dois dos principais atores sul-americanos como fator

indispensável à superação do subdesenvolvimento de suas sociedades. No que tange ao meio militar, mais especificamente o Exército Brasileiro, este estudo adquire relevância por procurar evidenciar fatos da cooperação militar entre os países que tem repercussão positiva na estrutura das forças envolvidas, bem como em outras áreas dos países, procurando otimizar o emprego dos recursos em ações que gerem valor, com efeitos benéficos para a relação dos países.

Assim, o trabalho tem por finalidade elencar os eventos da cooperação militar existente entre Brasil e Argentina, no século XXI, com vistas ao estabelecimento de uma efetiva aproximação entre os países, assim como apontar possíveis vias de aproveitamento para uma maior participação do setor de Defesa na relação entre as nações.

2 METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida tem característica qualitativa, explicativa, documental e bibliográfica, conforme a taxionomia de Vergara (2009). Qualitativa porque centra-se nos aspectos ligados ao relacionamento entre Brasil e Argentina, como entes soberanos do Sistema Internacional, com ênfase nas análises de documentos e informações disponíveis nas principais bases de dados, para construção de conhecimento tendo como cerne o sujeito pesquisador. Explicativa porque visa justificar os motivos pelos quais se chegaram a determinadas conclusões a partir das informações coletadas, visando esclarecer como a componente militar pode favorecer o estreitamento de relações entre Brasil e Argentina. Documental porque se utiliza de documentos oficiais, alguns públicos e outros não disponíveis para consultas públicas, para salientar informações da esfera governamental ou de indivíduos que dela fizeram parte, a fim de estabelecer o nível de relacionamento entre os países, bem como fatos dessa relação que contribuem para o atingimento dos objetivos propostos. Por fim, ela será também bibliográfica, porque utiliza o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, ou seja, material acessível ao público em geral, a fim de contribuir com as reflexões e as novas ideias que serão elencadas ao final desse estudo (BRASIL, 2012, p. 18).

Este trabalho apresenta como principal limitação metodológica o fato de basear-se em aspectos qualitativos, que se ancoram em uma interpretação dos fenômenos, a fim de que se chegue a uma conclusão. Portanto, a análise dos dados está condicionada pela interpretação pessoal deste oficial, ou seja, podendo não corresponder a realidade dos fatos. Com o fulcro de reduzir as possibilidades de ocorrência dessas interpretações equivocadas, o trabalho busca garantir que os itens da metodologia devem formar um todo integrado, focado no estreito alinhamento de todo seu conteúdo.

3 A POLÍTICA EXTERNA DO BRASIL PARA A ARGENTINA

Segundo o Ministério das Relações Exteriores (MRE), a Argentina é um dos principais parceiros políticos e econômicos do Brasil. As saudáveis relações entre os países são estratégicas para a inserção tanto regional como mundial do Brasil.

O processo de aproximação política entre Brasil e Argentina, iniciado com a redemocratização dos dois países na década de 1980, esteve na base do projeto de integração sul-americana que levou à criação do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), em 1991. A crescente integração econômica bilateral tem fortalecido a economia e a indústria dos dois países. O capital brasileiro está presente em diversos setores da economia argentina, como siderúrgico, petrolífero, bancário, automotivo, têxtil, calçadista, de máquinas agrícolas, de mineração e de construção civil. A presença de capitais argentinos no Brasil também é expressiva. (BRASIL, Ministério Das Relações Exteriores, 2021)

Filho (2017, p. 74) pontua que nas décadas de 1970 e 1980 as relações geopolíticas sul-americanas passaram a registrar um viés de aproximação. Nesse sentido, o Brasil foi um dos atores centrais, liderando iniciativas como o acordo assinado com Argentina e Paraguai que solucionava o impasse sobre a questão Itaipu-Corpus², bem como na postura brasileira durante a Guerra das Malvinas, que contribuíram para reverter um ambiente de animosidade entre os países sul-americanos, proporcionando bases para os processos de integração que surgiriam a seguir, como nas assinaturas da Declaração de Iguazu, em 1985 e no Tratado de Assunção, de 1991, que criou o MERCOSUL.

Em 1979, a relação Brasil-Argentina dá um salto qualitativo extraordinário, elevando de forma irreversível o patamar dos laços bilaterais. Ainda durante os regimes militares, os entendimentos alcançados em torno dos pontos de maior confrontação – Itaipu e programas nucleares – fortalecem a confiança e modificam para sempre a natureza dos laços entre os dois países: torna-se obsoleta a hipótese de conflito e se inaugura a fase de construção da estabilidade estrutural no relacionamento entre os dois países pela via da cooperação. (CANDEAS, 2005, p. 23)

Conforme defende Weber (2015, p. 39), a Argentina “é parte indissociável da história brasileira desde, pelo menos, a independência de ambos os países, ainda no século XIX”, ponto de vista que é complementado por Guimarães (2008, p. 59) quando afirma que a América do Sul se posiciona no centro da política externa brasileira e, por conseguinte, “o núcleo da política brasileira na América do Sul está no MERCOSUL. E o cerne da política brasileira no MERCOSUL tem de ser, sem dúvida, a Argentina. ”

² O litígio Itaipu-Corpus envolveu Argentina, Brasil e Paraguai em uma disputa sobre o aproveitamento hidroelétrico dos rios que compõem a Bacia do Rio da Prata, Brasil e Paraguai possuíam um projeto para a usina de Itaipu, no Rio Paraná, e Argentina e Paraguai para a usina de Corpus, localizada à jusante do primeiro.

Com isso, conforme defendido por Candeas (2005, p.33) “O Brasil precisa de um sócio estratégico fortalecido, com o qual possa construir poder internacional em um contexto de integração” e corroborado por Oliveira (1998, p.18) quando afirma que relevância do processo de integração de Brasil e Argentina, que vem evoluindo ao longo de duas décadas, é fundamental à América Latina e apresenta aspectos favoráveis à integração, percebe-se a relevância da Argentina no contexto do relacionamento internacional do Brasil.

Guimarães (2008, p. 59) afirma que a “integração entre o Brasil e a Argentina e seu papel decisivo na América do Sul deve ser o objetivo mais certo, mais constante, mais vigoroso das estratégias políticas e econômicas tanto do Brasil quanto da Argentina” e continua seu raciocínio advogando que qualquer alteração nessa prioridade para a política externa brasileira, inclusive quando executada parcialmente, “certamente provocará graves consequências e correrá sério risco de fracasso.”

Em um período conturbado da história recente argentina, quando o país chegou a ter 5 presidentes em 2 semanas no ano de 2001, o Brasil foi visto, sobretudo por Eduardo Duhalde, presidente argentino em 2002, como sócio fiel. Empresas deram mostra de visão estratégica e investiram em uma Argentina em crise quando as de outros países se retiravam. (CANDEAS, 2005, p. 31)

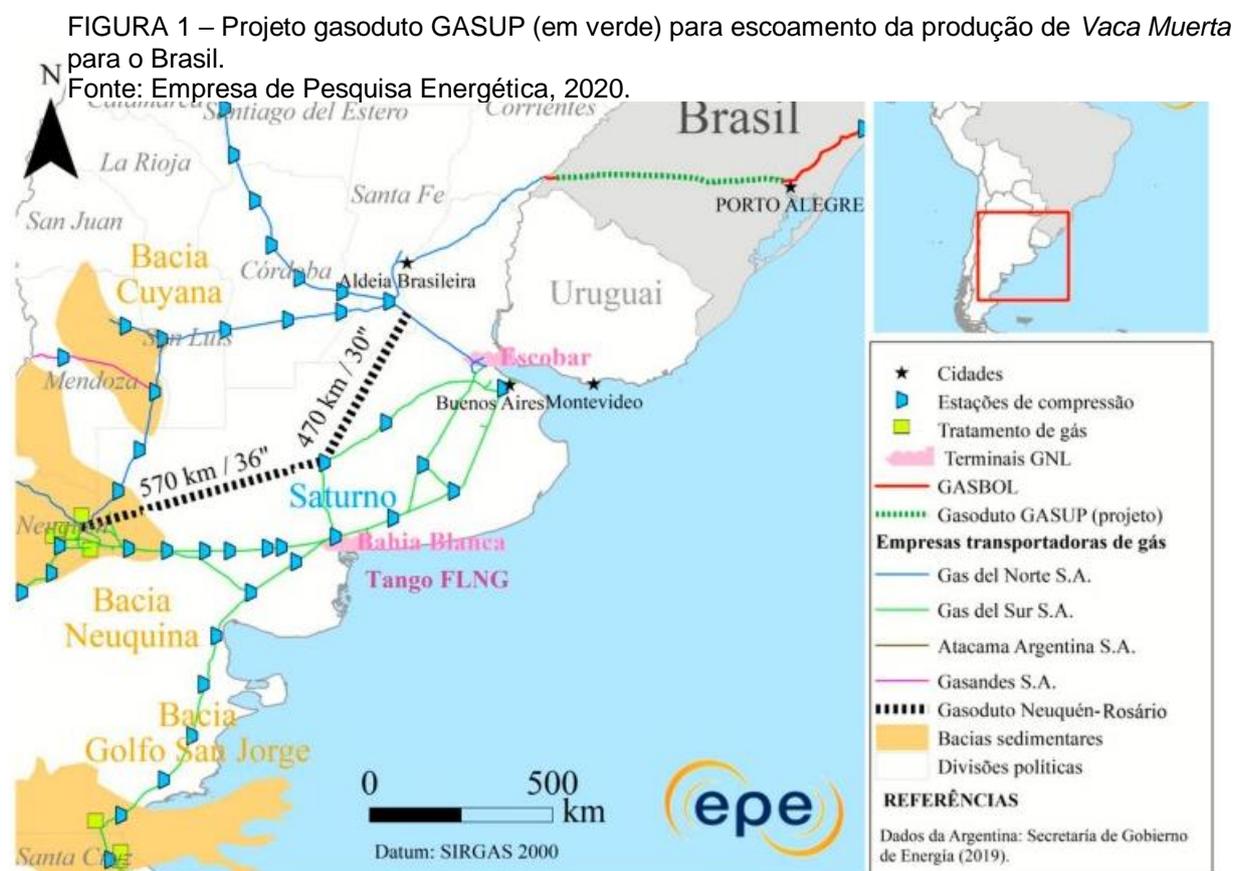
No Brasil, o início do século XXI trouxe governos que colocaram a América do Sul como principal prioridade em termos de política externa, uma iniciativa que inicialmente proposta por Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente do Brasil, sem, contudo, passar à prática. Assim, foi planejado o fortalecimento prévio do eixo bilateral com a Argentina, objetivando a construção da integração sul-americana, a partir dos governos Lula (MORAES, 2010, p. 81). Como afirma Cervo (2008, p. 213), “do ponto de vista brasileiro, apenas a partir dessa aliança estratégica seria possível a transformação da América do Sul em um polo de poder mundial, um dos objetivos da política externa de Lula”.

Os mandatos dos Kirchner na Argentina, alinhados com o governo brasileiro, construíram uma parceria bilateral pujante, aproximando-se, ao menos em teoria, do modelo de integração de Sarney-Alfonsín vislumbrado na década de 1980. Nesse contexto, foi idealizado um relançamento do MERCOSUL em bases mais abrangentes. Segundo Weber (2015, p. 28), “como exemplos de tal renovação, podem ser citados o Protocolo de Olivos (2002), o Consenso de Buenos Aires (2003) e a Ata de Copacabana, em 2004, que retoma a parceria estratégica entre os dois países.” Outros organismos também foram criados, como o Parlamento do MERCOSUL e o Fundo para Convergência

Estrutural do MERCOSUL (FOCEM). Weber (2015, p.28) ainda complementa que “a melhora qualitativa da parceria entre os dois países, já iniciada no governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2003), superou boa parte das disputas herdadas do século XX, construindo novas ações para a integração, que não apenas econômicas”.

Dentro do enfoque contemporâneo da política externa brasileira, percebe-se a ampliação da pauta das relações com a Argentina, onde as relações estratégicas entre os dois países recebem maior ênfase (MORAES, 2010, p. 82). Este autor ainda afirma que “temas como a integração sul-americana, a atuação conjunta em espaços multilaterais e cooperação nas áreas nuclear, de defesa, nanotecnologia, entre outras, passaram a ser tratadas em maior profundidade”. Em adição às ideias de Moraes, Guimarães (2008, p. 68) afirma que o Brasil atua como elemento financiador para a construção de gasodutos na Argentina, como observado nas negociações atuais para construção de estrutura para escoar a produção de gás natural do campo de *Vaca Muerta*, o gasoduto GASUP.

Ainda sobre a integração sul-americana, a proposta de criação da União de Nações Sul-Americanas (UNASUL), em 2008, marcou fundamentalmente esta nova fase da política externa de Brasil e Argentina. O processo teve liderança brasileira de fato e teve efetividade em razão do absoluto apoio argentino (MORAES, 2010, p. 82).



Nesse ambiente, houve crescente concertação de posições em espaços multilaterais, de onde se destacam: Brasil e Argentina atuando conjuntamente nas negociações agrícolas no âmbito da OMC, em Cancún, em 2003; o estabelecimento de entendimento unificado para se discutir sobre a formação da ALCA, em Miami, em 2004, assim como o pleito comum para reforma do sistema financeiro internacional, nas discussões do G-20 Financeiro, a partir de 2008 (MORAES, 2010, p. 84).

Nas palavras de Lafer (2018, p. 1110): “para o Brasil, uma Argentina forte e próspera é hoje um dado essencial, com impacto sobre o próprio projeto nacional, tendo em vista não só o grau de interligação das duas economias, mas também sua projeção externa.” Esse mesmo autor (2018, p.1113) também abordou a temática do aproveitamento dos recursos hídricos na Bacia do Prata. Esse aproveitamento em zonas limítrofes foi marcado pela controvérsia entre ambos os países até a o último quarto do século XX. Na atualidade, tornou-se objeto de intensa cooperação, com ações que contemplam não somente as áreas de interconexão energética, de aspecto primordial na conjuntura nacional, como também em outras áreas, como meio ambiente e controle e desenvolvimento da faixa de fronteira.

3.1 CONCLUSÕES PARCIAIS

A política externa do Brasil para a Argentina apresenta um viés positivo de intensificação. Superado o ambiente de desconfiança e competição que permeou a relação entre os países até a segunda metade do século XX, os países conseguiram obter entendimentos em assuntos complexos, como o que viabilizou a construção da Usina de Itaipu, que contribuíram para a formação de um ambiente favorável à integração.

A ideia de América do Sul como prioridade da política externa brasileira é algo relativamente recente. Em termos históricos, pode-se dizer que a segunda metade da década de 1970 inaugura o processo de “sul-americanização” do Brasil. O rompimento do modelo pan-americanista² de nossa política externa ocorre de forma concomitante a uma acelerada “ofensiva diplomática” em direção à América do Sul. (FILHO, 2017, p. 205)

Os governos brasileiros passaram a posicionar o país vizinho como elemento central em nossa política externa, favorecendo o desenvolvimento de ambos, a superação de dificuldades comuns e o posicionamento da América do Sul de maneira assertiva no cenário internacional.

De fato, à medida que o Brasil procurava se afastar da esfera geopolítica norte-americana, percebia-se um movimento no sentido contrário – de aproximação – especialmente em relação ao seu até então principal concorrente regional: a Argentina. A partir de 1979, com a assinatura do Tratado Tripartite Itaipu-Corpus entre Brasil e Argentina, diversos acontecimentos podem ser destacados, como a assinatura do Tratado de Assunção, em 1991, que originou o Mercosul; a primeira reunião de chefes de Estados da América do Sul, em setembro de 2000; e a assinatura do Tratado Constitutivo da Unasul em maio de 2008 – estes últimos coincidentemente ocorridos em Brasília. (FILHO, 2017, p. 206)

Nas palavras de Lafer (2018, p. 1113): “É sem dúvida um exemplo marcante do que costumo chamar a transformação das fronteiras de separação em fronteiras de cooperação.”, ressaltando a transformação da relação entre os países a partir do final do século XX e início do século XXI.

4 A RELAÇÃO BRASIL-ARGENTINA

A relação entre Brasil e Argentina é marcante em diversos campos do relacionamento entre as nações. No campo econômico, a Argentina é o principal parceiro comercial do Brasil na América Latina e o terceiro do mundo, após China e Estados Unidos. Em relação aos portenhos, o Brasil figura como principal parceiro econômico.

A parceria comercial Brasil-Argentina é a mais constante da balança comercial do Brasil. Desde o início do século XIX, a Argentina foi o segundo, terceiro, quarto parceiro comercial. Nenhum outro país manteve essa continuidade, nem a Inglaterra nem os Estados Unidos, mais recente. Há uma continuidade nessa parceria comercial. (FELIX e colab., 2006, p. 40)

No plano político, passando por aproximações e distanciamentos ao longo de sua história como Estados independentes, o processo de estreitamento de laços se robustece a partir da assinatura da Declaração do Iguaçu, em 1985. Assim, é evidente que o aprofundamento da democracia e do desenvolvimento econômico fortalece estruturalmente a relação bilateral, no sentido de maior integração. (CANDEAS, 2005, p. 3).

O presidente Lula, em Visita de Estado à Argentina em 2003, assina com o presidente Kirchner o Consenso de Buenos Aires. Em 2004, ambos voltam a se encontrar no Rio de Janeiro e assinam a Ata de Copacabana. Esses documentos sublinham a necessidade de fomentar um desenvolvimento econômico com equidade e reiteram a aliança estratégica. (CANDEAS, 2005, p. 32)

Esse relacionamento também se espalha no campo científico-tecnológico, tanto na já consolidada parceria para desenvolvimento de tecnologia nuclear com fins pacíficos, que atinge o marco de 30 anos, como em iniciativas como o Acordo Básico de Cooperação Técnica firmado em 1996, que favorece a ocorrência de novas oportunidades para a cooperação bilateral em temas definidos como prioritários para os governos dos dois países. (BRASIL, Agência Brasileira De Cooperação, [S.d.]

4.1 A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO ENTRE OS DOIS ATORES

Os dois países combinados no contexto sul-americano representam cerca de 60% de sua população, 63% da área total e pouco mais de 60% de seu PIB. Assim, os países construíram uma forte dinâmica comercial bilateral, composta por elevado percentual de produtos de alto valor agregado, que impactam setores estratégicos das duas economias, como por exemplo o industrial. O setor automotivo é um dos principais beneficiados com

a parceria - esse segmento tem efeitos globais sobre o conjunto da economia brasileira, de maneira direta e indireta, em áreas distintas “como mineração, siderurgia, metalurgia, química, petróleo e gás, além do setor de serviços (engenharia, mecânica, administração, propaganda e marketing, entre outros)” (BRASIL, Ministério Das Relações Exteriores, 2021). Observa-se, então, um diferencial importante em relação a outros parceiros para os quais o Brasil vende produtos básicos e semimanufaturados, em sua maior parte.

TABELA 1 – Tabela de exportação, importação, saldo comercial e corrente de comércio brasileira
Fonte: Site do Ministério da Indústria Comércio Exterior e Serviços, 2021.

PAÍS	VALORES MENSAIS JAN-JUNHO							
	EXPORTAÇÃO (A)		IMPORTAÇÃO (B)		SALDO(A-B)		CORRENTE (A+B)	
	JAN-JUN/2021	JAN-JUN/2020	JAN-JUN/2021	JAN-JUN/2020	JAN-JUN/2021	JAN-JUN/2020	JAN-JUN/2021	JAN-JUN/2020
Total Geral	135.887.484.067	100.691.126.218	99.156.181.001	78.396.432.681	36.731.303.066	22.294.693.537	235.043.665.068	179.087.558.899
China	46.747.214.345	33.939.110.048	21.506.571.261	17.079.633.851	25.240.643.084	16.859.476.197	68.253.785.606	51.018.743.899
Estados Unidos	13.317.166.972	10.021.541.201	16.432.319.545	15.114.652.448	-3.115.152.573	-5.093.111.247	29.749.486.517	25.136.193.649
Argentina	5.630.137.981	3.693.003.900	5.235.295.166	3.716.054.437	394.842.815	-23.050.537	10.865.433.147	7.409.058.337
Países Baixos (Holanda)	4.503.397.702	3.820.578.634	964.111.447	667.048.366	3.539.286.255	3.153.530.268	5.467.509.149	4.487.627.000
Coreia do Sul	2.820.091.732	1.660.984.984	2.693.235.984	1.930.386.402	126.855.748	-269.401.418	5.513.327.716	3.591.371.386
Chile	2.712.053.226	1.671.430.727	2.153.075.048	1.296.211.268	558.978.178	375.219.459	4.865.128.274	2.967.641.995
Espanha	2.608.385.865	2.085.681.909	1.497.051.222	1.260.844.900	1.111.334.643	824.837.009	4.105.437.087	3.346.526.809
Singapura	2.568.971.052	2.024.483.065	414.287.758	329.710.043	2.154.683.294	1.694.773.022	2.983.258.810	2.354.193.108
Alemanha	2.446.198.577	1.929.553.429	5.515.754.333	4.797.655.046	-3.069.555.756	-2.868.101.617	7.961.952.910	6.727.208.475
México	2.438.205.228	1.730.095.046	2.260.713.873	1.863.172.330	177.491.355	-133.077.284	4.698.919.101	3.593.267.376

Sobre a reaproximação Argentina-Brasil, autores, como Paulo Vizontini comentaram que: “No início dos anos 80, o acercamento Brasil-Argentina viria a ser a espinha dorsal da integração regional, coroada com a constituição do Mercosul em 1991” (VIZENTINI, 2007). Além dele, Paulo Nogueira Batista Jr. afirmou que “[...] uma aliança estratégica entre Argentina e Brasil continua sendo a pedra angular da integração da América do Sul.” (BATISTA JÚNIOR., 2005, p. 74).

Especificamente quanto à relação Brasil-Argentina dentro do MERCOSUL, é preciso ampliar as discussões acerca de medidas que compensem as assimetrias entre os dois, especialmente no que tange à estrutura produtiva industrial. Existe visão sobre a necessidade de pensar na distribuição da capacidade produtiva dos membros do

MERCOSUL, de modo que todos possam importar e exportar bens e serviços uns dos outros. Isso também implicaria em os membros economicamente mais dinâmicos terem maior contribuição na redução de assimetrias. Dessa forma, ao Brasil caberia uma responsabilidade maior que a da Argentina, e a esta uma responsabilidade maior que a dos outros países. (WEBER, 2015, p. 30)

Ora, não interessa ao Brasil, como sempre sublinha o Governo, que a Argentina se desindustrialize ou se enfraqueça economicamente. O Brasil precisa de um sócio estratégico fortalecido, com o qual possa construir poder internacional num contexto de integração. O que conta, aqui, é a lógica da construção de poder compartilhado (jogo de soma positiva), e não a de reequilíbrio e contenção (jogo de soma zero). (CANDEAS, 2005, p. 33)

No processo de integração do MERCOSUL e da América do Sul e nas relações políticas com o mundo multipolar violento e “absorvedor” em que vivemos, Brasil e Argentina se encontram unidos pelos objetivos comuns de transformar o sistema internacional no sentido de que as normas que regem as relações entre os Estados e as economias sejam de tal natureza que os países em desenvolvimento como o Brasil e a Argentina preservem o espaço necessário para a elaboração e a execução de políticas de desenvolvimento que permitam superar as desigualdades, vencer as vulnerabilidades e realizar o potencial de suas sociedades (GUIMARÃES, 2008, p. 71)

As palavras de Celso Lafer retratam a relevância da relação Brasil-Argentina:

Não há hoje qualquer dúvida quanto ao caráter único e a singular importância das relações Brasil-Argentina para cada um dos nossos países. São relações que se refletem em praticamente todos os aspectos da vida nacional dos dois países, encontram sua base na comunhão de valores existente entre ambos e têm no Mercosul o seu projeto internacional mais relevante – elementos que estão na base da sua caracterização como uma aliança estratégica. Aprofundá-la e torná-la ainda mais densa é um objetivo de primeira ordem. (LAFER, 2018, p. 1110)

4.2 A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO PARA O ENTORNO REGIONAL

Dada a magnitude da combinação Brasil-Argentina em relação aos demais países sul-americanos, percebe-se que foram esses países que, na região, lograram alcançar o mais elevado nível de desenvolvimento industrial, agrícola, de serviços, científico e tecnológico, com alguma contribuição do Chile nessas áreas; aqueles que, em conjunto, possuem as terras mais férteis e o subsolo mais rico da região; são os países cuja população favorece o desenvolvimento de mercados internos significativos, que são a base necessária para a atuação firme no mercado externo sempre sujeito às medidas arbitrárias do protecionismo agrícola e industrial; aqueles países que, por seu grande potencial e interesses comuns, são os mais capazes de resistir à voragem absorvedora

dos interesses comerciais, econômicos, financeiros e políticos dos países mais desenvolvidos, sempre mais preocupados em concentrar poder e preservar privilégios econômicos e políticos, ainda que pela força, do que contribuir para a construção de uma ordem econômica, ambiental e política necessária ao desenvolvimento da comunidade internacional como um todo e à preservação do planeta (GUIMARÃES, 2008, p. 71).

Nós acreditamos que a América do Sul ainda tem oportunidade de embarcar no último bonde da história, e que essa oportunidade passa, exclusivamente, pela busca e a conquista da unidade intercontinental. Contudo, existe um dilema: como atingir concretamente a unidade da América do Sul? Assim como a aliança franco-germânica foi a condição *sine qua non* da unidade europeia, a aliança argentino-brasileira é o único caminho real para atingir a unidade da América do Sul. (Gullo, 2006, p. 31).

Assim, a percepção brasileira diante das necessidades de estruturação e fortalecimento industrial de seus vizinhos levou à negociação do Mecanismo de Adaptação Competitiva com a Argentina, que objetiva harmonizar esforços de estabelecimento de cadeias produtivas regionais e executar o Programa de Substituição Competitiva de Importações, cuja contribuição está centrada na redução dos déficits comerciais bilaterais, quase todos favoráveis ao Brasil (GUIMARÃES, 2008, p. 69).

Como parceiros num projeto comum de integração e de inserção internacional, Brasil e Argentina também devem empenhar-se na articulação do nosso espaço no continente sul-americano, articulação que a meu ver representa tanto um desdobramento natural da crescente vinculação bilateral e no âmbito do Mercosul, quanto um elemento catalisador de crescimento e desenvolvimento econômico e comercial da nossa região. (LAFER, 2018, p. 1112)

4.3 CONCLUSÕES PARCIAIS

Em decorrência do elevado nível de desenvolvimento da parceria Brasil-Argentina, principalmente em relação a assimetria existente em relação aos demais países da América do Sul, é lícito inferir que a prosperidade desta relação é determinante para os rumos do desenvolvimento do subcontinente.

“Nesse sentido, a reaproximação Brasil-Argentina foi elemento essencial à integração do Cone Sul e, com o aprofundamento estratégico das relações entre os dois países, tornar-se-ia vada vez mais viável, também, a integração sul-americana” (MORAES, 2010)

O que está em jogo, no relacionamento entre o Brasil e a Argentina, não é apenas o fato de que uma estreita cooperação entre os dois países lhes seja extremamente conveniente. O que está em jogo é o fato de que uma sólida, confiável e estável aliança argentino-brasileira se constituiu, nas presentes condições do mundo, um requisito *sine qua non* para a sobrevivência histórica de ambos os países. Nenhum deles dispõem, presentemente, de condições para preservar, isoladamente, sua efetiva soberania e assegurar sua identidade

nacional e seu destino histórico. Tal fato constitui uma das inescapáveis consequências do processo de globalização (Jaguaribe, 2005, p. 45).

Consoante com o defendido por Jaguaribe, o principal caminho de progresso para ambos os países, com vistas a aspirar um protagonismo diante da comunidade internacional, é perpassado pela concertação harmônica de interesses, que, quando conjuntamente construídos, potencializam seu efeito no desenvolvimento dos projetos de cada país.

5. A COMPONENTE MILITAR NO RELACIONAMENTO ARGENTO-BRASILEIRO NO SÉCULO XXI

A consolidação contemporânea das relações bilaterais entre Argentina e do Brasil proporcionaram um ambiente de cooperação e confiança mútua, contribuindo com a defesa e segurança nacional de ambas Nações.

Na área de defesa, a cooperação entre os países não é um fenômeno recente. Ela ocorre desde o final dos anos 1970, com os primeiros exercícios combinados entre as Marinhas dos dois países, como as Operações Fraternal. Entretanto, foi apenas em 2005 que os primeiros acordos de cooperação militar entre os governos de Brasil e Argentina foram assinados. Esses documentos passaram a prever a realização de atividades dentro de uma orientação da política externa e diplomacia dos países. “Com os acordos, na verdade, o que era um fenômeno predominantemente militar passou a ter uma outra dimensão, tornando-se, também, um fenômeno político.” (MORAES, 2010, p.19)

No que se refere estritamente à dimensão militar da integração regional, Filho (2017, p. 206) afirma que seu impulso inicial deu com o Governo Lula, de onde o autor destaca três eventos de relevância: a ideia de José Viegas Filho, Ministro da Defesa do Brasil entre 2003 e 2004, no governo mencionado, que versava sobre o avanço da cooperação militar na América do Sul, beneficiando-se da interação crescente das indústrias de material de emprego militar; outro evento seria o documento Projeto Brasil 3 tempos: 50 temas estratégicos, construído pelo Núcleo de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (NAE), que dentre suas proposições apresentava a possibilidade de estabelecer um sistema coletivo de defesa na região; e o terceiro foi a proposição de criação do Conselho de Defesa Sul-americano (CDS), em 2006. Nesse contexto, descortinou-se um ambiente propício ao estreitamento de laços entre os países, pelo uso da componente militar.

Com isso, a despeito de crises econômicas que marcaram Brasil e Argentina no início do século XXI, com reflexos na relação entre os países, Candeas (2005, p. 30) pontua que “outros setores não são afetados pela deterioração das relações: defesa, nuclear (criação, em 2001, da Agência Brasileiro-Argentina de Aplicações da Energia Nuclear – Abaen), tecnologia espacial.”

No âmbito das alianças militares, ou mesmo fora delas, os Estados podem cooperar militarmente, em tempos de paz, de diversas formas, com objetivos tanto técnicos como diplomáticos. As principais formas de cooperação são: exercícios militares combinados;

cooperação no ensino militar; cooperação em tecnologia militar e cooperação em inteligência. (MORAES, 2010, p.32). Portanto, nesta seção estão expressas as iniciativas da componente militar puramente bilaterais entre Brasil e Argentina ocorridas a partir da segunda década do século XXI.

5.1 OPERAÇÕES COMBINADAS ENTRE BRASIL E ARGENTINA

Os interesses mútuos no campo da defesa favoreceram o estabelecimento de operações combinadas. Atualmente, existem 5 (cinco) operações combinadas entre as Nações Amigas, contribuindo para o adestramento e a interoperabilidade dos Exércitos, e sobretudo, a estabilidade regional e a segurança das fronteiras.

5.1.1 Operação Fraternal

A Operação Fraternal, como já mencionado, ocorre desde o ano de 1978, de forma anual, e tem como objetivo o aprimoramento do nível de interoperabilidade e de adestramento das unidades navais no planejamento e na execução de operações conjuntas e reforçar os laços de amizade entre as Marinhas.

A edição de 2017, Operação Fraternal XXV, aconteceu na costa argentina, próxima da Base Naval de Porto Belgrano, ao Sul de Buenos Aires, com a participação da Fragata Greenhalgh e 01 (um) helicóptero Esquilo, da Marinha do Brasil. Já a Armada Argentina atuou com o navio contratorpedeiro La Argentina, o submarino Salta e as corvetas Espora e Rosales. Durante a operação, foram realizados diversos exercícios e atividades navais como: Manobras Táticas, Operações Aéreas, *LeapFrog*, *Light-Line*, Transferência de Óleo no Mar, Tiros sobre Granada Iluminativa, Trânsito sob Ameaça Aérea e Oposição de Superfície, entre outros. (WESLLEY, 2017), que se relacionam com o incremento e a manutenção do grau de aprestamento das unidades navais participantes.

Assim, e de acordo com o pensamento de Vaz (2011):

As preocupações e os interesses estratégicos brasileiros no Atlântico Sul ultrapassam as considerações e as necessidades imediatas de defesa de território, de recursos e de instalações em águas jurisdicionais. Alcançam também as possibilidades e os processos ora em curso em águas internacionais e os desenvolvimentos no continente africano que possam afetar ainda que subsidiariamente as possibilidades de cooperação e a definição de um panorama político favorável aos seus interesses naquele espaço, o que coloca o país em contato não apenas com os interesses e as preocupações dos países vizinhos da costa sul-americana, mas também com os interesses e as políticas de organismos internacionais e regionais de caráter multilateral e de países como Estados Unidos, Reino Unido, Rússia, Alemanha, Espanha e China, atores cada vez mais presentes no cenário estratégico do Atlântico Sul.

A Operação Fraternal vai ao encontro dos interesses brasileiros no Atlântico Sul e está em conformidade com o preconizado na PND:

2.1.6. Nesse sentido, sem desconsiderar a esfera global, estabelece como área de interesse prioritário o entorno estratégico brasileiro, que inclui a América do Sul, o Atlântico Sul, os países da costa ocidental africana e a Antártica. (BRASIL, 2020)

5.1.2 Operação *Hermanidad*

A Operação *Hermanidad* consiste em um Exercício de Simulação Construtiva nível Brigada, no contexto de operações de guerra, executado no Simulador de Adestramento de Comando e Estado-Maior (SIMACEM), no Centro de Adestramento Sul (CA-Sul), composto por forças e Estados-Maiores Combinados. (Noticiário do Exército, 2017)

As atividades envolvem a 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada do Exército Brasileiro, com sede em Uruguaiana-RS, dotada de meios mecanizados e a Brigada Blindada II do Exército da Argentina, oriunda da Província de *Paraná*, dotada de meios blindados. A Operação foi idealizada em 2006 e planejada para ser executada de dois em dois anos, colaborando a troca de experiências operacionais, doutrinárias e principalmente o estreitamento dos laços de cooperação e amizade entre os Exércitos. O Estado-Maior Combinado da Operação *Hermanidad* tem em seus quadros, além de oficiais superiores da 2ª Bda C Mec e da Bda Monte XII, a presença de oficiais do Exército do Paraguai e do Exército do Uruguai que são convidados a participarem do planejamento da operação, potencializando os laços de confiança mútua e cooperação entre os Exércitos sul-americanos.

5.1.3 Operação *Guarani*

A Operação *Guarani* é um exercício de adestramento combinado, no nível Unidade, entre tropas dos Exércitos Argentino e Brasileiro. Seu quadro tático situa-se no contexto de operações de guerra, com o estabelecimento uma Força-Tarefa (FT) Mecanizada, baseada em uma Unidade do país sede, com reforço de uma subunidade da nação amiga integrante.

O exercício é anual, realizado desde 2011 (fase de planejamento) e 2012 (com tropas no terreno), após suspensões de 2008 a 2010 (LAFFERRIERE e SOPRANO, 2015, p. 8), onde as atividades basicamente envolvem a 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada do EB, com sede em Santiago-RS, e as tropas da Brigada do Monte XII do Exército da Argentina da Província de *Corrientes* e *Misiones*, sendo ambas tropas mecanizadas, com a adição de outras frações, como o do 1º BAv Ex, brasileiro, e da 1ª Seção de Aviação de

Monte XII, oriunda da Província de *Posadas*, do Exército Argentino na edição de 2016 (DefesaNet, 2016).

A Operação é dirigida por um Estado-Maior Combinado, composto por oficiais superiores da 1ª Bda C Mec e da Bda Monte XII, potencializando os laços de confiança mútua e cooperação entre os Exércitos sul-americanos. (REIS, 2018, p. 43). Os principais objetivos são: desenvolver laços de confiança e camaradagem entre ambas as forças, abrir um canal de comunicação para estabelecer um glossário comum de termos militares e desenvolver uma doutrina combinada de operações convencionais.

A Operação foi um marco na cooperação entre os dois exércitos, sendo o primeiro exercício combinado ambientado em um quadro de guerra convencional desde o século XIX. Ademais dos objetivos atingidos em termos de interoperabilidade³, a Operação Guarani também visa a proporcionar o intercâmbio de experiências na produção de planos e ordens e estimular a utilização de múltiplos recursos e trabalhos conjuntos na execução de operações combinadas. (Noticiário do Exército, 2016)

³ Capacidade de forças militares nacionais ou aliadas operarem, efetivamente, de acordo com a estrutura de comando estabelecida, na execução de uma missão de natureza estratégica ou tática, de combate ou logística, em adestramento ou instrução. O desenvolvimento da interoperabilidade busca otimizar o emprego dos recursos humanos e materiais, assim como aprimorar a doutrina de emprego das Forças Armadas. A consecução de um alto grau de interoperabilidade está ligada diretamente ao maior ou menor nível de padronização de doutrina, procedimentos, documentação e de material das Forças Armadas. São os seguintes níveis de padronização: compatibilidade, intercambialidade e comunalidade.

FIGURA 2 – Análise pós-ação da Operação Guarani 2014
Fonte: Site DEFESANET, 2021.



5.1.4 Operação Yaguaretê

A Operação Yaguaretê é uma operação combinada que consiste na execução de exercícios com tropas aeromóveis e a realização de assalto aeromóvel no nível Grande Unidade.

A Operação envolve a 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada do EB, localizada em Bagé-RS, a 12ª Brigada de Infantaria Leve, com sede em Caçapava-SP, o Comando de Aviação do Exército, de Taubaté-SP, e a *IV Brigada Aerotransportada de Despliegue Rápido* do Exército da Argentina situada em Córdoba (REIS, 2018).

Seguindo a premissa das demais operações combinadas entre Brasil e Argentina, o Estado-Maior é composto por oficiais-superiores brasileiros e argentinos, o que contribui para o estreitamento de laços e o estabelecimento de um glossário comum de termos militares, favorecendo um ambiente para a estruturação de doutrinas comuns.

Reis (2018) também defende a pertinência da Operação pois, por empregar Forças de Emprego Estratégico do Exército, de onde se destacam a 12ª Brigada de Infantaria Leve (Caçapava-SP) e o Comando de Aviação do Exército (Taubaté-SP), permite seu adestramento e aptidão para emprego em todas as partes do território nacional, contribuindo com a projeção de poder no cenário internacional.

5.1.5 Operação Saci/Duende

A Operação Saci/Duende é uma operação combinada que engloba tropas de natureza aeroterrestre. Nela são executadas operações de assalto aeroterrestre no nível Unidade.

A operação Saci é o tradicional exercício de adestramento anual coordenado da Brigada de Infantaria Paraquedista sediada no Rio de Janeiro-RJ, que recebe reforço de um pelotão paraquedista do Exército Argentino, orgânico da IV *Brigada Aerotransportada de Despliegue Rápido* do Exército Argentino com sede em Córdoba. Em contraparte, o exercício Duende é realizado na Argentina e coordenado pela IV *Brigada Aerotransportada de Despliegue Rápido* do Exército Argentino que recebe o reforço de um pelotão paraquedista do EB, orgânico da Bda Inf Pqdt (REIS, 2018). Com isso, observa-se a ampliação dos laços de camaradagem entre as tropas brasileiras e argentinas, conformando um ambiente favorável ao intercâmbio de práticas e ganhos de interoperabilidade.

5.1.6 Operação Arandu

A Operação Arandu, realizada pela primeira vez no ano de 2020, resulta dos êxitos alcançados com as Operações *Hermanidad*, *Yaguareté* e Saci/Duende, e consiste em uma operação combinada no contexto de operações de guerra de Grande Unidade (GU).

A concepção da Arandu tem o propósito de unificar as operações: *Yaguareté*, *Hermanidad*, Saci e Duende com execução faseada em três anos. Assim, o primeiro ano (1 fase) destina-se a uma simulação de combate, com emprego dos sistemas de simulação virtual da nação anfitriã; o segundo ano (2 fase) contempla um trabalho de Estado-Maior combinado sobre a carta e ocupação de postos de observação no terreno e o terceiro ano (3 fase) destina-se à execução no terreno, com emprego de tropas, seguindo o planejado nos dois períodos anteriores.

Entre as atividades envolvidas estão: operações aeromóveis, aeroterrestres e operações especiais; treinamentos e emprego de viaturas blindadas; realização ações de aproveitamento do êxito e junção, em um quadro tático de combate convencional.

Na Operação participaram 2300 militares brasileiros e argentinos, 100 veículos blindados, cerca de 500 veículos operativos e 10 aeronaves, sendo 7 brasileiras e 3 argentinas, demonstrando o grande vulto dessa empreitada.

O compromisso internacional entre Brasil e Argentina fortalece a diplomacia militar entre os dois países, e favorece a consolidação de laços de união, camaradagem e cooperação. Além disso, as trocas de experiências doutrinárias e o estabelecimento de padrões comuns de trabalho combinado estão entre os objetivos principais. A partir das lições aprendidas, entendimento mútuo das táticas, técnicas e procedimentos a serem empregados pelas organizações militares das duas Nações participantes, crescem Brasil e Argentina em termos de operacionalidade e amizade. Potencializando os efeitos benéficos da Operação para as relações Brasil-Argentina, em 2020, a Arandu serviu como oportunidade para demonstração das potencialidades da Viatura Blindada de Transporte de Pessoal Média Sobre Rodas (VBTP-MSR) 6x6 Guarani, que desperta o interesse de compra por parte do Exército Argentino. (Tecnologia & Defesa, 2020)

5.2 INTERCÂMBIOS E AÇÕES DA DIPLOMACIA MILITAR

Ao longo do período pesquisado, diversos eventos foram relevantes para a manutenção da cooperação militar entre os países, dentre eles destacam-se: a Conferência Bilateral de Estado-Maior (CBEM), realizada a cada 02 anos, entre 2012 a 2018 e as Reuniões Regionais de Intercâmbio Militar (RRIM), realizadas anualmente. Como elemento executivo para as ligações no âmbito militar, o Brasil mantém operativa sua representação diplomática com adidos militar, naval e de defesa e aeronáutico, o que reflete a importância da Argentina no contexto das relações internacionais brasileiras (BRASIL, 2014).

Nesse ínterim, a partir de 2010, verifica-se uma aproximação das relações econômicas e militares com a Argentina, como na assinatura da Aliança Estratégica em Indústria Aeronáutica (AEIA), em 2014, que tem como objetivo integrar e fortalecer os setores industriais de defesa de ambas as nações. Entre as ações estão: a identificação de potenciais alianças industriais, a elaboração de novos projetos conjuntos e a geração de demanda antecipada de produtos capazes de propiciar economia de escala. Como ações concretas, observa-se a participação argentina no projeto do KC-390, por meio do fornecimento de peças da aeronave produzidas na Fábrica Argentina de Aviões (FAdeA), que teve papel fundamental na revitalização da indústria aeronáutica do país. No bojo dessa iniciativa, destacam-se também entendimentos entre os países para desenvolvimento de aeronave militar de treinamento básico, de um veículo aéreo não-tripulado e troca de experiências no setor de defesa cibernética. (MARINS, 2020)

Em 2018, houve uma reunião bilateral de Doutrina, que contemplou intervenções de ambos os Exércitos sobre aspectos organizacionais, fundamentos estruturais, de execução e práticas passíveis de compartilhamento da Doutrina de cada país. Esse evento contou com a participação de diversos setores do Exército Argentino (Direção Geral de Inteligência, Direção de Inteligência Operacional e Destacamento de Inteligência 601), e teve como um dos eixos centrais o conhecimento da doutrina de emprego do Sistema de Aeronave Remotamente Pilotada (SARP), contribuindo para agregar esforços doutrinários sobre o emprego do SARP em operações de guerra e não guerra.

Já no mandato presidencial de Jair Bolsonaro, em visita à Argentina, os chefes de Estado assinaram um memorando de entendimento em matéria de Defesa que contempla, entre outros pontos, o estudo de oportunidades de cooperação combinadas que visem a vigilância e controle do Atlântico Sul e o aprofundamento das ações na área de submarinos convencionais, nos campos de manutenção, reparabilidade e o análise da viabilidade de transferir submarinos da classe IKL da Marinha do Brasil à Armada argentina. (MARINS, 2020)

Outros fatos relevantes da diplomacia militar foram os Intercâmbios de Cadetes do Exército Argentino (Colégio Militar de La Nación) com Cadetes da AMAN e de Instrutores da EsAO com a Escola das Armas do Exército Argentino, estreitando laços de convivência entre militares em diferentes estágios da carreira.

5.3 CONCLUSÕES PARCIAIS

Assim como em outras áreas, a dimensão militar do relacionamento Brasil-Argentina é profícua em boas práticas. Revitalizado a partir de 1978, o relacionamento militar foi uma componente constante da pauta de relações, apresentando-se, a partir de 2010, como um elo capaz de robustecer a proximidade entre os países.

A magnitude da Operação Arandu, como somatório das Operações combinadas que a precederam, elevou o patamar das operações militares combinadas, quer seja no contexto bilateral ou no sul-americano, colocando assim o relacionamento Brasil e Argentina em um nível de aproximação capaz de promover um ambiente de cooperação e harmonia na América do Sul.

Além das operações combinadas, o relacionamento se apresenta bastante plural nos níveis político e militar, fruto de um já tradicional rol de ações que, durante a década de 2010, apresentou eventos que consolidaram sua trajetória, como a assinatura do AEIA e as reuniões bilaterais, bem como na vertentes comerciais, com a utilização de operações

combinadas para viabilizar as transações comerciais de Materiais de Emprego Militar, como com a Viatura Guarani. Assim, a componente militar, como defende Moraes (2010), é composta por relações que não podem ser compreendidas plenamente “caso o Estado brasileiro e o Estado argentino sejam considerados como atores desprovidos de contradições internas. Ao assumir o poder, um determinado governo encontra um Estado que lhe é precedente. Dentre os órgãos de Estado, as Forças Armadas são um dos que mais possuem seus próprios valores e tradições”. Diante disso, seria favorável aproveitar essa aproximação natural existente entre as instituições congêneres de cada país como indutora de novos caminhos de relacionamento nas diversas expressões do poder nacional.

6. CONCLUSÃO

A cooperação militar é aquela que abarca as ações de auxílio mútuo entre os Estados, no campo bélico, que funcionam como instrumentos de aumento do poder militar dos atores, como também para sua diplomacia. Dessa forma, essa cooperação compreende a atuação político-estratégica-operacional de suas Forças Armadas, por serem instrumentos valiosos de aproximação político-diplomática e de projeção de influência, principalmente em seu direcionamento para a Argentina, em razão de sua relevância nas relações internacionais do Brasil.

Assim, um importante caminho de progresso a ser percorrido por ambos países é permeado pela harmonização de interesses conjuntamente construídos. Com isso, as ações tem efeito potencializado no desenvolvimento dos projetos de cada país, com vistas às suas aspirações de protagonismo diante da comunidade internacional. Sendo assim, o estreito relacionamento com a Argentina constitui pilar importante do esforço de construção de um espaço de paz e cooperação no entorno brasileiro.

Nesse sentido, a reaproximação Brasil-Argentina foi basilar para a integração consecutiva que passou a ser observada no Cone Sul e, à medida que o relacionamento estratégico era mais profícuo, a integração sul-americana viabilizava-se a partir deste eixo.

Nesse contexto, observa-se que o avanço nas relações com características cooperativas avançou na medida que foram superadas hipóteses de conflito no contexto sul-americano. A partir desse quadro, identifica-se a gênese do processo na Operação Fraternal, em 1978, e seu ponto culminante com a realização da Operação Arandu, em um patamar mais amplo em relação às Operações que a precederam. Em paralelo, são patentes os esforços para o desenvolvimento de doutrinas conjuntas em matéria de operações de paz, emprego de sistemas remotamente pilotados e guerra cibernética, dentre outros.

Conforme defende Filho (2017, p. 218) o Brasil “parece ciente de que a sua projeção internacional passa necessariamente pela construção de uma parceria estratégica com o seu entorno. Tal empreitada envolve o fomento de mecanismos de confiança mútua.” Para potencializar essa projeção Guimarães (2008) apresenta que o Brasil busca neutralizar interferências extrarregionais nos assuntos da América do Sul, seja no desenvolvimento de programas de intercâmbio militar para construção de confiança, no plano continental, bem como na participação de efetivos militares em operações de paz das Nações Unidas, como forma de adquirir peso no contexto mundial.

Com isso, percebe-se o papel da componente militar e sua contribuição efetiva em promover bases sólidas para o desenvolvimento de uma relação consolidada entre os dois principais atores da América do Sul. De acordo com as palavras de Moraes (2010):

“As relações que a Marinha do Brasil possui com a Armada Argentina, que o Exército Brasileiro possui com o *Ejército Argentino* e que a Força Aérea Brasileira possui com a *Fuerza Aerea Argentina* foram, durante a maior parte do tempo, relações transgovernamentais. As duas Marinhas, os dois Exércitos e as duas Forças Aéreas possuem uma relação particular com a sua equivalente no país vizinho que é relativamente independente das relações políticas existentes entre os governos dos dois países.”

É lícito inferir que novas iniciativas podem aproveitar esse tradicional e consolidado canal de relacionamento. Ressalta-se, entretanto, que as investigações sobre as proposições que alicerçam a presente pesquisa não se esgotam, exigindo a participação ativa de amplos setores da sociedade a fim de fornecerem novas óticas sobre o papel tanto da componente militar, bem como de outras componentes do relacionamento argentino-brasileiro, sugerindo-se, então, a realização de novos trabalhos e pesquisas a fim de melhor elucidar questões que permeiam o objeto deste estudo.

Por fim, consoante com as palavras de Lafer (2018): “É sem dúvida um exemplo marcante do que costumo chamar a transformação das fronteiras de separação em fronteiras de cooperação.”, que refletem como mudança do ambiente de competição para a cooperação entre os países a partir do final do século XX e início do século XXI se reverteu de maneira benéfica para cada um dos atores e também para o entorno regional, tendo como um de seus fios condutores as relações militares. Dessa forma, o porte atingido pela relação Brasil-Argentina conforma aquela parceria capaz de fornecer elementos de fortalecimento mútuo e de inserção regional e mundial, com efeitos na estabilidade política sul-americana e de crescimento sustentável.

REFERÊNCIAS

- AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz. **Segurança e Defesa no Cone Sul: da rivalidade da Guerra Fria à cooperação atual**. Ed Porto de Ideias. São Paulo, 2010.
- ARGENTINA. **Libro Blanco de la Defensa**. Ministerio de la Defensa. Ed. 2010.
- BATISTA JÚNIOR, Paulo Nogueira. **Brasil, Argentina e América do Sul**. Estudos Avançados, v. 19, p. 65-74, 2005.
- BRASIL, Agência Brasileira de Cooperação. **Argentina**. Disponível em: <<http://www.abc.gov.br/Projetos/CooperacaoSulSul/Argentina>>. Acesso em: 30 jul 2021.
- BRASIL. **DECRETO Nº 5.294**, 1 Dez 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5294.htm#art4>. Acesso em: 6 out 2021.
- BRASIL, Exército Brasileiro, ECEME. **Manual de Elaboração de Projetos de Pesquisa na ECEME**. Rio de Janeiro, 2012.
- BRASIL, Ministério da Defesa. **Estratégia Nacional de Defesa**. Brasília: 2016. Disponível em <<https://www.defesa.gov.br/estado-e-defesa/estrategia-nacionalde-defesa>>. Acesso em 08 jun 2021.
- _____, Ministério da Defesa. **Política Nacional de Defesa – Estratégia Nacional de Defesa**, Brasília: 2016. Disponível em <https://www.defesa.gov.br/arquivos/estado_e_defesa/ENDPND_Optimized.pdf>. Acesso em 27 Jun. 2020.
- BRASIL, Ministério da Indústria Comércio Exterior e Serviços. **Tabela de exportação, importação, saldo comercial e corrente de comércio brasileira**. Disponível em: <<http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral/44601>>. Acesso em: 16 abr 2021.
- BRASIL, Ministério das Relações Exteriores. **República Argentina**. Disponível em: <<https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/relacoes-bilaterais/todos-os-paises/republica-argentina>>. Acesso em: 14 abr 2021.
- CANDEAS, Alessandro Warley. **Relações Brasil-Argentina: uma análise dos avanços e recuos**. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 48, n. 1, p. 178–213, Jun 2005.
- CASTRO, Gustavo. **A Cooperação entre Argentina e Brasil no setor de Defesa: visão e ação da Argentina (1983-2008)**. São Paulo, 2010.
- CERVO, Amado Luiz. **Conceitos em relações internacionais**. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 51, p. 8-25, 2008.
- DEFESANET. **Operação Guarani 2016**. Disponível em: <https://www.defesanet.com.br/br_ar/noticia/23879/BR--AR---Operacao-Guarani-2016-Final/>. Acesso em: 5 ago 2021.

_____. **Operação Guarani 2014.** Disponível em: <https://www.defesanet.com.br/br_ar/noticia/16505/Operacao-Guarani-2014---7--Dia-Operacoes/>. Acesso em: 5 ago 2021.

FELIX, Jorge Armando e COUTO, José Alberto Cunha e SILVA, José Alencar Gomes Da. **Ata de reunião interministerial: Brasil-Argentina uma relação estratégica.** Brasília, 2006.

FILHO, Oscar Medeiros. **A construção de uma identidade regional de defesa para a América do Sul: Agendas e Desafios.** São Paulo, 2017.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. **O Mundo Multipolar e a Integração Sul-Americana.** MERCOSUL. 2008.

GULLO, Marcelo. **Argentina-Brasil: a grande oportunidade.** Mauad Editora Ltda, 2006.

JAGUARIBE, Hélio. **Aliança argentino-brasileira.** Revista DEP: Diplomacia, Estratégia e Política. Projeto Raul Prebisch, v. 1, n. 2, jan./mar, Brasília, DF, 2005.

LAFER, Celso. **Relações internacionais, política externa e diplomacia brasileira.** Brasília: Funag, v. 1, 2018.

LAFFERRIERE, Guillermo e SOPRANO, Germán. **La Cooperación de los Ejércitos Argentino y Brasileño desde Fines del Siglo XX.** Revista Brasileira de Estudos de Defesa, v. 2, n. 1, 2015.

MORAES, Rodrigo Francalossi de. **A cooperação Brasil-Argentina na área militar: da autonomia das Forças Armadas às relações estratégicas (1978-2009).** Porto Alegre, 2010.

OLIVEIRA, Odete Maria De. **A integração bilateral Brasil-Argentina: tecnologia nuclear e Mercosul.** Revista Brasileira de Política Internacional, v. 41, n. 1, p. 5–23, Jun 1998.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **A América do Sul como espaço geopolítico e geoeconômico: o Brasil, os Estados Unidos e a China.** Carta Internacional, v. 8, n. 2, p. 100-115, 2013.

NOTICIARIO DO EXÉRCITO. **Operação Guarani.** Disponível em: <http://www.eb.mil.br/o-exercito?p_p_id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&_101_struts_action=%2Fasset_publisher%2Fview_content&_101_assetEntryId=1814222&_101_type=content&_101_groupId=11425&_101_urlTitle=comando-militar-do-sul-operacao-guara-1&inheritRedirect=true>. Acesso em: 4 ago 2021.

_____. **Operação Guarani 2016 tem início na Argentina, com tropas do CMS.** Disponível em: < http://www.eb.mil.br/web/midia-imprensa/noticiario-do-exercito/-/asset_publisher/IZ4bX6gegOtX/content/operacao-guarani-2016-tem-inicio-na-argentina-com-tropas-do-cms?inheritRedirect=true>. Acesso em: 4 ago 2021.

_____. **Operação Hermandad**. Disponível em: <http://www.eb.mil.br/web/noticias/noticiario-do-exercito/-/asset_publisher/MjaG93KcunQI/content/operacao-hermandad>. Acesso em: 4 ago 2021.

RAPOPORT, Mário; MADRID, Eduardo. **Argentina-Brasil: de rivales a aliados**. Capital Intelectual: Buenos Aires, 2011.

REIS, Luiz Vinícius de Miranda. **As operações combinadas - Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e sua contribuição com a projeção de poder do Exército Brasileiro no cenário internacional**. Rio de Janeiro, 2018.

SOUZA, Rafael Marins de. **Relações Internacionais entre Brasil e Argentina: o papel da diplomacia militar diante das consequências da “onda conservadora” para o diálogo de defesa sul-americano**. Rio de Janeiro, 2020.

TECNOLOGIA & DEFESA. **Operação Arandu – A diplomacia militar entre Brasil e Argentina**. Disponível em: <<https://tecnodefesa.com.br/operacao-arandu-a-diplomacia-militar-entre-o-brasil-e-a-argentina/>>. Acesso em: 7 ago 2021.

VAZ, Alcides Costa. **O Atlântico Sul nas perspectivas estratégicas de Brasil Argentina e África do Sul**. Boletim de Economia e Política Internacional - Artigos, p. 6, 2011.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 10. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. **O Brasil, o Mercosul e a integração da América do Sul**. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*. v. 1, n. 1, p. 82-94, 2007.

WEBER, Leonardo Albarello. **RELAÇÕES EM EIXO E INTEGRAÇÃO PRODUTIVA NA AMÉRICA DO SUL: ARGENTINA, BRASIL E VENEZUELA**. Porto Alegre, 2015.

WESLLEY. **MB e ARA aumentam o nível de adestramento de seus militares com a Operação “Fraterno XXXV”**. Text. Disponível em: <<https://www.marinha.mil.br/noticias/mb-e-ara-aumentam-o-nivel-de-adestramento-de-seus-militares-com-operacao-fraterno-xxxv>>. Acesso em: 5 ago 2021.